

Cacolo-Lunda 5/5/64

Caro Amigo e Senhor

Luís Leixas

Por absurdo que lhe pareça, só há 4 ou 5 dias recibi a sua preciosa e estimada carta.

De fato, os correios e transportes aqui para a Lunda deixam muito a desejar. A sua carta foi para Malauze, como é lógico e deve ter demorado 1 ou 2 dias. Até aqui tudo bem, normal. Depois, para cá chegar foi entregue a um camionista que, por sua vez, não a deixou cá. Levou-a para Sausimo, seu principal ponto de destino e, só a trouxe quando do seu regresso. Aconteceu todavia que, eu na altura me encontrava a 350 Km daqui, ou melhor em Camungula. Ele deixou cá ficar a carta na casa de um comerciante e só há poucos dias, quando regressei, ela me foi entregue. Posto isto, e de qualquer modo, aqui ficam as minhas desculpas, por um atraso que, ao fim e ao cabo eu não fui o responsável. Agradeço-lhe sinceramente o trabalho que me enviou e tive muita pena em não poder ir a Luanda e assistir a essa exposição. Coisas da vida. Tive que me deslocar para aqui, quasi que repentinamente e sem possibilidades de aí ir.

Li a Notícia que se refere à venda da sua coleção de Arte Humilde. Gostava imenso de a ter visto. Um dia que via a Luanda, iri ao Museu da Boca. Naturalmente que, quem lá estiver não me salvaria esclareas a respeito disto ou daquilo, quanto aos nomes, locais de aquisição, definições, etc, etc, que uma coleção de Arte, seja ela de que espécie for, suscita ao individuo curioso e ávido de saber e aprender.

Agora que me encontro nesta região, que é fértil em artistas deste género de arte, não me se consigo peças de mais valor artistico, etno gráfico, antigo. A arte indigena aqui está de um modo geral 70% comercializada. É pena que assim suceda mas, é quasi que exclusivamente da

renda de objectos polidos ou envernizados, ou ainda com uma leve
passagem de óleo de palma, (para lhes dar mais brilho, tirando-lhes assim
o seu valor primitivo, ou seja o verdadeiro.) no que se refere a objectos
feitos em madeira vermelha, de que os artistas aqui vivem, uma vez
que, de outra forma ninguém lhes compra os artigos, por os acharem
mal acabados ou ainda feios.

Tenho adquirido algumas peças mas, estas vulgares, apenas com
a diferença que são feitas em madeira bastante pesada e rija. O chama-
do mussine. Arranji por artes mágicas, permita-me o termo, mais uma
cadeira. Esta diferente totalmente da que o Sr. viu em Malaupe. Trata-se duma
cadeira feita em madeira branca e absolutamente vulgar no seu feitio.
Com a sensacional diferença que, a teca das costas da cadeira que
faz de espaldas e as hastes onde normalmente põem os pés, são feitas
em madeira queimada com esculpturas. Realmente muito original.

Note-se todavia que o seu valor está precisamente nos relevos.
Comprei também uma cama de bambu. Com só a peça não tem
grande valor, nem artístico nem comercial. Vale sim pelo seu valor
etnográfico e pelo seu tamanho. Háimbes aqui ainda os não vi.
É possível que só as encontre nalguma sanzala.

Quando for a Malaupe, ou se me der a oportunidade de vender a minha peque-
na e modesta colecção, de maneira a não fugir às regras usadas nos
museus. Isto é: - dar-lhe uma disposição objectiva, por espécies de arti-
gos, regiões, etc.

O Senhor ao vender a sua colecção, decerto que teria que ter uma certa
mágoa. Pois custa sempre, mesmo que precisemos muito dos produtos que
possam surgir da sua renda, desfazerem-nos duma colecção de arte que,
afinal amamos e que não se arranja em dois dias! Fica algo da nossa
alma em cada peça! Isto faz-me lembrar a história simples de um
mexicano que, vendia por 2 pesos uma cesta de ruínas, por ele fabricada.
Se vendesse 50 cestas, ele pedia 5 pesos por cada uma e quantos mais
cestas ele fizesse mais caras elas seriam em porção. Devia ser ao
contrário uma vez que comercialmente... a dizeia é mais barato!

No entanto alegava ele que, quanto mais trabalho fizesse mais caro
tenha que vender porque, punha um pouco da sua alma em cada

01.78

cesta que fazia. Como lhe fizera uma encomenda de milhares de cestos, ele pensou, fez contas e chegou à conclusão que, levando x dias a fazer uma cesta, precisava de x anos para efectuar a encomenda e que a sua alma (Ele punha um pouco de sua alma em tudo o que fazia) não resistiria e assim, só trabalhava para o dia a dia.

É uma bela lição! Só quem não ama o que tem ou o que faz, não sente assim!

Quanto à venda da sua colecção, que suponho fosse enorme, acho que o Senhor fez bem em vendê-la, devido ao seu valor. Pois 250 contos não são coisa de desprezar. Restar-lhe-á no entanto, a nostalgia e a mágoa de ver que uma colecção como a que possuía, she vai levar um bom par de anos, a refazer. Espero que esta minha carta ainda o vá encontrar em Luanda. Se ainda aí a verberar, agradeço-lhe que me envie se possível a sua direcção em qualquer ponto da Europa. Gostava no entanto que, antes de o Senhor partir me fizesse um pequeno favor. Era o de dizer-me na sua muito abalizada opinião, qual o valor da minha colecção. É de ainda bastante modesta, que tenho imento que trabalhar para ela ter algo que se refe emes, gostava de saber quanto pode valer. Não estou a pensar em vender ou em desfazer-me dela por qualquer motivo. Apenas para saber se me vale a pena trabalhar sempre para a melhorar. Não quero que me diga que ela vale milhões e fundos, para me entusiasmas mais.

Diverso sim, se o Senhor me fizer esse favor, é saber quanto vale na realidade. O.k.? Bem, Amigo e Senhor Crescino Lixas, já deve estar a maçá-lo demasiado e não é essa a minha intenção.

Termino esta, desejando-lhe as maiores felicidades e venturas na vida que vai encetar na Europa e faço votos para que um dia possa voltar a esta NOSSA ANGOLA, que é bem NOSSA.

Um grande abraço deste seu jovem amigo
sempre ao seu dispor,

Fernando Damo
7.

64 no Sr.



Cruzzeiro Seixas

UNIVERSIDADE
caixa postal N. 1325
DE ÉVORA

01.78

Luanda



De: Fernando M. Quirós do Carmo

Cacolo

Linda



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

